

Vol. 7

A TRADIÇÃO

BIMENSÁRIO INTEGRALISTA, POLÍTICO, LINGÜÍSTICO, HISTÓRICO, CRÍTICO, ESTÉTICO, Etc.

Director: *J. Gordoiro Ribeiro*

Redactor em chefe: *António de Oliveira*

Redactor: *José de Sousa*

Administrador: *António de Oliveira*

Secrário de Redacção: *António de Oliveira*

Redacção e administração: *António de Oliveira*

LIVRO 1113

MANU DE SACOT DE 1900 A

A publicação de "A Tradição" é uma obra de carácter integralista, política, lingüística, histórica, crítica, estética, etc. A publicação de "A Tradição" é uma obra de carácter integralista, política, lingüística, histórica, crítica, estética, etc. A publicação de "A Tradição" é uma obra de carácter integralista, política, lingüística, histórica, crítica, estética, etc.

ASSINATURAS

PORTUGAL & ESPANHA / ESTRANGEIRO

Ano I

N.º 1

A TRADIÇÃO

HERMOCAUTERIO

N.º 1

15 de Maio de 1917

Ano 1.º

A TRADIÇÃO

BIMENSARIO INTEGRALISTA, POLITICO, LITERARIO E ARTISTICO

Dirétor: **J. Cordeiro Ribeiro (Mont'Alverne)**

Redactor em chefe: *Alfredo de Freitas Branco*

Redactor: *José de Ornellas Bruges d'Oliveira*

Administrador: *João de Ornellas Bruges d'Oliveira*

Editor: *Armando da Silva*

Secretário da Redacção: *Dom Antonio Xavier Manoel (Atalaya)*

Redacção e administração: Rua de S. Paulo, 20 — Lisboa

SUMARIO

A caminho — Conde de Monsaraz.
Neutralidade politica — *Ecos d'arte* — José Bruges d'Oliveira.
Revista da quinzena.
Sociedade Nacional de Bellas Artes.
A voz longinqua da Raça — Joam Cabral do Nascimento.
Esforço Integralista — Alfredo de Freitas Branco.
França, a Impia — carta
Por Santiago e Rei Afonso — Campos Figueira.
Uma carta — Armando da Silva.
Severo Portela.

ASSINATURAS

PORTUGAL E ESPANHA — 3 meses.....	600 réis
» » » 6 »	1\$200 »
» » » Ano	2\$400 »
ESTRANGEIRO — 6 meses.....	1\$600 »
» Ano.....	3\$000 »

Numero Avulso 100 réis

TIPOGRAFIA TEIXEIRA
R. DA HORTA SECA, 58
LISBOA

Escrevem n'A TRADIÇÃO

Afonso Lopes Vieira
Americo Durão
Antonio Sardinha
Armando da Silva
Campos Figueira
Centeno Fragozo
Conde de Monsaraz
D'Almeida Cassapo
J. A. Pequito Rebello
José A. d'Almeida Baltazar
João do Amaral
João Cabral do Nascimento
João J. de Mello Lapa (Villa Nova d'Ourem)
Severo Portella

Colaboração artistica de Albano Portocarrero de Almeida

A caminho...

O *Integralismo Lusitano* é um movimento nacional que ninguém já pode sustar.

Os principios que defendemos impõem-se á gente nova, cujos espiritos, abertos sempre a todas as ideias generosas e fortes, vêem que a salvação colectiva deste povo está justamente no despertar da sua memoria historica, na resurreição consciente da suas horas mortas de grandeza. Ha tres anos já que partimos batalhando *em pro do comum e aproveitança da terra* como diziam os bons maiores nas cronicas do tempo. E ha já tres anos que o numero dos que, em torno de nós vão cerrando fileiras para a guerra santa, cresce dia a dia na mesma esperança de resgate.

Nem as ameaças do demagogismo agonizante,

nem a indiferença dos comodistas nem o sorriso sceptico dos dementados podem quebrantar os nossos esforços ou mesmo turvar a nossa fé. Não nos voltamos para traz, a contemplar o Passado com os olhos razos de saudade. Desejamos revê-lo, é certo, mas adeante de nós, no espelho do Futuro, claro, nitido, luminoso...

Ninguém pretende restabelecer o que havia dantes, tal qual era; queremos apenas que exista hoje o que hoje deveria existir, se o estrangeirismo invasor não tivesse desnacionalisado as nossas coisas e a nossa gente.

O curso da Historia Patria desviou-se do leito da tradição para galgar entre nevoas de ideologia os pedregosos alcantis do sofisma filosofico e da mentira politica. Restabeçamos o curso da Historia no leito da Tradição. A monarquia de *Quatrocentos* organizára pelas suas varias ordens e estados os interesses do Reyno. A realeza quinhentista revelou um soberano, incarnação viva da auctoridade e da força. Pois bem: que pretendemos nós hoje na apagada a vil tristeza

deste crepusculo? Restabelecer o trono de D. João I sob o sceptro de D. João II. A maior descentralização administrativa, tendo a unificação, do alto do seu prestigio, a soberania intangivel dum Rei. Sem ela, descentralizar significaria esfacelar. A Russia é já hoje um exemplo claro do que afirmo; amanhã será uma absoluta confirmação.

As democracias, pela necessidade de terem sempre maiorias parlamentares que as sustentem, precisam de centralizar. Como poderiam contar doutra forma com o eleitorado das provincias, fluctuante instavel, pouco seguro? Substitua-se o sufragio universal pela representação das classes, os deputados liberaes, omniscientes, pelos delegados das profissões, defendendo apenas os seus interesses, e assim, não tendo a representação em côrtes character politico, não dependendo dela a sorte dos governos, e, portanto do regimen democratico,

logo poderá uma mais franca descentralização, descongestionar Lisboa de grande numero de serviços publicos e crear entre nós o verdadeiro regionalismo provincial.

Isto não é provavel sem a restauração imediata da autoridade regia, sobreparante a todas as mesquinhas divergencias partidarias. Os homens publicos são sempre maus pela tirania dos seus proprios interesses, pelo egoismo natural das suas conveniencias pessoas; estabeçamos no poder supremo da Patria um homem, o unico homem, cujo egoismo individual e familiar o obrigue a neutralizar as tendencias egoistas dos outros e a velar, portanto, na mais lata accepção desta palavra, pela prosperidade comum.

Os integralistas batalham dia a dia para a vitoria indestrutivel da causa da Ordem neste malfadado paiz,

Já muito temos nós feito!

Quando volto os olhos atraz dois ou três anos e revejo o caminho andado, quando penso nesta cruzada santa que ainda vai no começo e já

gloriosamente levamos de vencida, sintome compensado de muitos sacrificios sofridos, de muitos contra tempos e desgostos que foi preciso remover. E' agora certissima a vitoria das nossas ideias.

Ninguém pode duvidar.

O proprio tempo ha-de favorecer-nos, para que esta geração veja a sua obra triunfante.

A mocidade portugueza acompanha-nos com entusiasmo.

Eles bem sabem, os moços, que o Velho Portugal só comnosco pode contar. Depois da *Patria Nova*, órgão dos escolares integralistas de Coimbra, outro quinzenario entra na liça pelo bom combate das verdades politicas eternas contra a mentira revolucionaria,

A *Tradição*, redigida por estudantes, entre os quaes Cordeiro Ribeiro já conta, com menos de 20 anos, 5 prisões na defeza das suas crenças, é mais uma decisiva garantia de que não são vãs as nossas esperanças, nem esta propaganda de impenitentes reacionarios tem sido inefficaz.

Bem hajam os novos lutadores.

Não são muitos mais; são entretanto mais alguns.

A maré sobe, sobe, vae crescendo ninguem a pode conter.

Semanarios, revistas, panfletos, juntas provinciaes, secções escolares, centros multiplicam-se numa continua progressão...

Termino este artigo com as ultimas palavras que escrevi no n.º 12 da *Nação Portuguesa* ao abandonar a direção dessa Revista órgão do Integralismo Luzitano:

Se o futuro a Deus pertence e Deus assim mostra que está comnosco, pode convencer-se esta republica de que breve acabarão os seus dias á falta de republicanos. *Sursum corda!*

Conde de Monsaraç

NEUTRALIDADE POLITICA

A nação Portuguêsa, vai tomando agora, mercê dos grandes esforços realizados pelos integralistas, uma feição nova, com um character inteiramente diferente, do character constitucional — democratico que a domina.

Contudo esse melhoramento é pequeno ainda e pode apenas ser apreciado e avaliado pela minoria do paiz, isto é, por aquelles que vêem realmente no nosso movimento e na nossa propaganda a esperança do futuro.

Decerto os senhores *livre-pensadores*, os senhores *avançados*

não vêem em nós senão *uns traidores á Patria e á Republica!*...

Estou certo disso, mas ainda mais certo estou, de que se esses senhores não vêem em nós mais do que isso, é porque não querem dar o braço a torcer,

Mas a nossa missão está traçada, os nossos deveres estão indicados, e nem as más vontades e os odios dos *ex-famintos*, nem as ameaças dos frequentadores de espeluncas e dos *Silvas*, conseguirão desviar-nos do nosso caminho.

Dos velhos, pouco queremos, queremos apenas o respeito pelas nossas ideias, dos novos queremos tudo, desde a boa vontade ao sacrificio!

Que os velhos sejam neutrais em politica admite-se, mas que os novos, que vão ser os homens de futuro se

deixem ficar n'essa neutralidade ociosa e prejudicial, n'uma inação, abandonando o futuro da Patria e não querendo vêr na nossa causa a salvação d'Elle eis o que a todo o custo tentaremos evitar.

E' preciso que a mocidade toda, faça causa comum comnosco, ou pelo menos que a maioria o faça.

E' preciso que a maioria da imprensa academica lute pela nossa causa, que é a causa da Nação.

A neutralidade politica não deve existir entre os novos, pois entre nós apenas deve haver duas correntes uma por nós outra contra nós.

Neutrais não, ou por nós ou contra nós, aos neutros trataremos tambem como inimigos.

Ainda ha bem pouco tempo num liceu de Lisboa sahiu um jornal academico e (caso exquisito!) no seu programma, na sua apresentação dizia que não tinha politica, nem admittia nas suas columnas discussões politicas ou religiosas! Porquê!?

Que a mocidade portugueza se compenetre bem do seu dever, que olhe para o passado e para o presente, veja a superioridade de aquelle sobre este e venha para nós isto é para a tradicção que está n'Elle o futuro Portuguez.

José Bruges d'Oliveira

ECHOS D'ARTE

Musica...

Realisou-se no dia 15 d'Abril no Real Teatro de S. Carlos o Concerto Ruy Coelho. D'este compositor não nos ocuparemos por lhe faltar uma coisa indispensavel: — a idoneidade moral.

Quem usa dos processos a que recorre este novel artista deve resignar-se á fraquissima concorrência do seu ultimo concerto.

Não deixaremos contudo de lembrar a alguns «talassas» incautos, que o possam aceitar que a *primeira Ca-*

moneana fez parte das primeiras festas maçonicas, chamadas «da cidade», e como tal então sustentada e reclamada pela imprensa jacobina.

Pintura...

Admiravel a exposição Souza Lopes revelando fazes diversas da produção do grande Artista.

N'ella vemos tudo: quadro grande, quadro de cavalete, paisagem, marinha, retrato e as soberbas aguas-fortes reveladoras d'uma inexcedivel tecnica n'este difficil ramo d'arte.

Os principaes literatos e artistas consagraram artigos de justissimo louvor e affluiram ao salão de Bellas Artes grande numero de «diletantti» e de amigos do mestre cujas qualidades pessoas de atraente simpatia a todos captivou.

Conferencia Futurista...

O desenhador Almada Negreiros, um artista no entanto de talento, fez no Teatro Republica uma *conferencia futurista*, cuja apreciação não tem aqui cabimento visto o futurismo não passar de uma «blague»...

A. de F. B.

Livros

Charcos de Alfredo de Freitas Branco

Maria Clara fixa na sua personalidade os estigmas fatais duma hereditariiedade de tarados.

O pai,—D. Pedro de Moura, duma velha familia de fidalgos legitimistas, educado na Austria, fôra a completar a sua cultura na grande escola de Paris.

Ai se lançou desgrenhadamente na vida morna dos camarins e dos cafés, tornando-se um *noceur* embriagado. Lançou-se com furia nessa vida, com o entusiasmo doido dos portuguezes que nada sabem fazer sem excesso. Esvaído e *surmené* por uma reacção natural nos seus vinte anos fatigados

descobre um dia em si a aspiração dum viver diferente. Procura uma finalidade, — o lar. Disposto a ligar esse sonho a uma mulher, a primeira que a sua sensibilidade morbida notasse, apaixonou-se desvairadamente por Jeannine.

Era uma rapariga bonita e pobre, artista de talento. O encontro ocasional no Luxemburgo foi para D. Pedro o *coup de foudre*. Mês depois estavam casados e vinham viver para Portugal, para o velho solar de Ermide. Seis anos volvidos, Jeannine apagava-se do mundo ao dar á luz Maria Clara.

Para a formação do character de Maria Clara intervem, nesta altura, o falhar educação.

Criada ao desdem, só com o pai que a afagou numa misantropia feroz, repelida nas suas meiguices de criança, vê-se de subito transportada, por uma reviravolta de nevrosa de D. Pedro, para Lisboa, onde se lança numa existencia de bailes e de festas, de flores e de luzes.

Bastante nova ainda para ser mordida pela sensualidade male do torvelinho mundano, isola-se o mais possível com os seus livros e as suas telas, no socego do gabinete de estudo.

E' no convívio com a amiga mais íntima, — Margarida, que começa a sua carne de vibrar, doentiamente...

As loucuras de D. Pedro desbarataram-lhe a fortuna. Fulminado por uma apoplexia, os filhos, — Maria Clara e Nuno, tiveram de esconder a sua pobreza nas ruínas do velho solar, derradeiro testemunho da opulencia antiga.

Forçados um dia a vendê-lo, apparece um francês pavorosamente rico, pintor festejado que compra o solar e desposa Maria Clara.

Atravessa com o marido o bulirio de Paris e sofre-lhe a influencia. A arte entusiasma-a e esquesse-se ao piano ou diante duma paleta. Morre Henri Gai-gu e ela volta para Portugal, viuva e livre.

Em Lisboa dá no seu palacete festas estrondosas; abisma-se na perversão

teimosa do seu sexo; faz furor na sociedade o perfume das suas cigarrilhas e o eco dos seus beijos quentes, em noites de delirio pelos jardins encantados ao cingir doidamente cintas flexíveis de mulheres esbeltas.

O vicio apodera-se d'ela por completo mas o Amor ia salva-la.

Enfeitiça-a, numa revelação de sentimentalidade adormecida, um medico, herdeiro dum grande nome do miguelismo, — Antonio de Menezes. Então sente confusamente repulsão e nojo pelo que fôra a sua vida e tenta suicidar-se. Ele arranca-a á morte e casa com ela. Vivem em paz, na tranquillidade dum grande amor compartilhado. No drama abjecto de quatorse de maio, a canalha assalta-lhe a casa. Um dos assassinos que a republica chamou revolucionarios civis, titulo barato que terá o merito de os designar na hora da final liquidação de contas, um dêles estende-a morta com um tiro. Maria Clara cai num charco de sangue.

Alfredo de Freitas Branco affirmara-se já com relevo na geração literaria de hoje. Espirito de *élite*, torturado dum ideal entrevisto, os seus livros fixam os instantes da sua arte.

E' um raffiné. Adora as psicologias inverosímeis, as almas complicadas.

Depois de *Anna Clara*, Maria Clara

Esta novela é o estudo dum *caso*, segundo os processos do naturalismo. Vê-se o cuidado meticuloso com que vincou as duas determinantes fundamentais, — hereditariedade e educação. Maria Clara é victima dum fatalismo atávico.

Herdou da mãe a paixão pela arte, do pai a inclinação para todos os desregramentos e todas as depravações.

A sua vida é a resultante logica do sangue que lhe corre nas veias.

Freitas Branco procurou extrair uma lição do seu conto. O determinismo que proclama isentava naturalmente a sua personagem duma expiação de erros passados. Apesar disso transigindo com a voz da moral agravada mata-a em plena felicidade, quan-

do a sua alma redimida se purificasse pelo Amor.

Em qualquer hipotese parece-nos má a solução: A perseverar no vicio ela devia morrer n'ele, não se explicando bem a fonte das energias sentimentaes que a impeliram repentinamente para o Amor.

Admitida mesmo essa conversão ela que conseguira triunfar dos seus nervos e que repudiara um passado de que não fôra culpada, — e nunca é demais recordar como o auctor fere a nota da hereditariedade indemente, — n'esse caso de direito lhe pertencia uma ventura larga, comprada por alto preço.

Arredado este reparo impertinente, a idiosincracia de Maria Clara, está desenhada com vigor e com exactidão.

De lamentar é que o auctor nos não desse algumas notas de psicologia de Jeannine. Elas contribuiriam decerto, para nos elucidar sobre certos lados daquela alma.

Estudando Maria Clara, Freitas Branco deu-nos paginas cheias de talento e de observação. Apesar do molde convencional em que quiz lançar a sua obra, permanece um idealista, desencaminhado pelo naturalismo.

E é esse justamente o seu grande pecado estético. De facto, idealista em extremo, êle domou por vezes a perversão de tons de tal modo tentadores, de coloridos tão insinuantes, de tais requintes de elegancia, que conseguiu tornal-a atraente, na sua morbidez voluptuosa e languida, nos seus delirios de nevrose.

E' êsse o mal dos poetas que têm quasi sempre artes de descrever o vicio por forma tão seductora que a relutancia instinctiva dos que os têm se transforme em inclinação, se muda em entrega.

Freitas Branco que é um novo e um sincero deve poupar essa acacia rara, — o sentimento.

Aos escritores, como o definiu recentemente Paul Bourged, impõe-se *servir*.

Que o seu espirito se volte de vez

para as coisas verdadeiramente fortes e naturais da nossa Terra e consagre a sua Arte preciosa á Causa santa de Tradição nacional!

E' essa a sua inclinação por temperamento. Seria difficil dizer como é deliciosa essa pequenina lenda que, á maneira de Eça de Queiroz na *Ilustre casa de Ramires*, enfaixou no entreticho da sua narrativa.

Tem Freitas Branco, incontestavelmente todos os dotes para criar uma obra. Abandone *tout le cabodinage* dos boudoirs côr de folha morta, esqueça as facetas cosmopolitas do meio parisiense e fale-nos de Portugal.

E' de lamentar que a Republica o fisesse conspirar:

Freitas Branco nunca devia ter ido a Paris...

Armando da Silva

Publicações recebidas

As trez princezas mortas num palacio em ruínas. (Poemas) de Joam Cabral do Nascimento.

A igreja católica e os operarios (esboço historico — economico de Questão social). Conferencia realisada no circulo catolico, em Janeiro de 1917. por E. Antonino Pestana.

Os nossos agradecimentos.

O «Presepio» e «Pensamentos, palavras e obras», por Severo Portela

Não pretendo de modo algum criticar o livro o *Presepio* de Severo Portela, pois que uma critica deve ter a oportunidade e esta não a poderia nunca possuir, pois já lá vão dois longos meses desde que o livro sahiu.

Não quero deixar porem de criticar o seu ultimo livro *Pensamentos, palavras e obras*.

N'uma epoca de mau gosto e de desnacionalisações de miseria e de

falta de estetica como esta que vamos atravessando, é bom, é extremamente simpático vêr que alguém se levanta protestando contra a orientação que isto leva. Esse alguém é a mocidade. mas dentro d'essa mocidade, em que ha novos e velhos, todos eles são moços, uns pela idade e pelas ideias, outros sómente pelas ideias.

Severo Portela pertence aos primeiros, é novo pelas ideias e novo pela idade.

Artista de fina tempera, escritor brilhante e erudito, cheio de doçura e sentimento, andou nos largos anos pelos ideais republicanos, onde se deu mal e compreende-se.

Os espiritos cultos, e os verdadeiros patriotas, aqueles que sentem a necessidade de arrancar este paiz das mãos da demagogia, tem vindo para nós. Eis o que sucedeu a Severo Portela, eis o que sucedeu a tantos outros, eis o que ha de suceder a muitos mais...

Severo Portela ao dar-nos a sua ultima obra, deu-nos um livro de sensações, de nervos, onde vive um artista, onde vibra um poeta, onde ha soluções escondidos, lagrimas deslizando por faces meceradas de princezas de baladar, beijos furtivos, magnolias agonizantes...

Severo Portela é artista, e embora não possamos dizer que nos deu um livro que *serve*, no sentido que Paul Bourget deu a esta palavra, podemos dizer contudo que nos deu um livro de arte (doente embora) um livro para lermos e meditarmos, um livro de sonhar...

Pensamentos, palavras e obras tem talvez falta de coherencia, mas este pequeno defeito pouco se nota e não influe no valor do livro que é grande. Que Severo Portela, que nos orgulhamos de vêr na mesma causa, continue a dar-nos d'estas obras de arte, eis o que sinceramente desejamos.

José Bruges d'Oliveira



REVISTA DA QUINZENA

Imprensa

A todos os nossos colegas da imprensa enviamos as nossas saudações.

D'entre estes especialisarenos os nossos colegas monarchicos e muito particularmente a "Monarquia" e a "Patria nova"

Paiva Couceiro

Ao iniciarmos a publicação da nossa revista não poderíamos deixar de saudar, com o maior entusiasmo, tanto mais que nesta casa trabalha quem o acompanhou na Galiza, o grande portuguez Henrique de Paiva Couceiro.

O discurso de Maura

Ante um auditorio de mais de vinte mil pessoas falou, ha dias, em Hespanha o chefe dos conservadores hespanhoes, D. Antonio de Maura.

O discurso deste grande politico versou sobre a neutralidade de Hespanha, que tem nele um dos mais acerrimos defensores.

Não transcrevemos para aqui o discurso de Maura, porque, pelos nossos colegas diarios ja os nossos leitores devem ter conhecimento desse discurso.

Porém não resistimos a tentação destas passagens, d'um artigo do nosso querido colega João do Amaral, publicado na "Monarquia".

As suas palavras foram as palavras dum homem honesto que refere ao interesse da sua Patria, e só a e'e, a solução dos problemas politicos. Os adoradores do *verbiage* que nada significa e os interessados na existencia dum equívoco sentimental que só conseguirá tornar mais vasta e mais longa esta atroz carnificina, perguntarão a Maura se o Direito, a Justiça e a Liberdade não tem categoria na sua mentalidade ou, pelo menos na sua reto-

rica. Maura decerto lhes responderia com duas palavras: — inegavelmente o Direito é uma palavra bela, principalmente... quando se fala no Direito que a Espanha tem á defeza do seu sagrado egoismo nacional; inegavelmente a Justiça é um conceito admiravel, principalmente quando ele impõe ás grandes potencias o respeito que devem á soberania espanhola; e a Liberdade é entre todos os dons o mais precioso, principalmente quando assegura á Espanha a plena independencia do seu territorio e da sua vontade.

Cavalos, e... burros

Ha dias, na Camara dos Deputados, o sr. Costa Junior disse que havia um cavallo que gastava por mez 24\$000 réis.

Não nos admira esse caso em vista da moralidade do regimen.

E ainda agora a procissão vae no adro. Também não é caso para espantar que um cavallo... de estimação esteja ganhando 24\$000 réis por mez, quando toda a gente sabe que na republica ha burros que estão ganhando muito mais.

Mais um escandalo?

Consta-nos que desapareceu, da Camara de Santarem, a quantia de seis contos de réis.

Mais nos consta que os consumidores da agua estão sendo ludibriados na contagem d'esta.

Como, porém não queremos fazer afirmações gratuitas, apresentamos aos nossos leitores, estas indicações, como um *consta-nos* que é natural que amanhã se torne um prologo d'uma serie de documentos que, ao apparecerem em publico, hão de causar sensação.

O torpedeamento...

Mais uma vez foram adiadas as eleições administrativas.

O governo para fazer esse adiamento invocou o estado de guerra.

Porém temos a certeza que o estado do medo é que levou o governo a adiar as eleições.

A proposito d'este ato do governo dizia o "Seculo" (!!!), em artigo de fundo:

Não ha eleições! Morreu a liberdade para a vida local! O arbitrio do poder sobrepõe-se ao direito dos cidadãos livres! E diz-se, e proclama-se, e pretende-se que se acredite que isto é, no fim de contas, uma democracia republicana!

Novidade politica

Como o actual governo prohibiu o jogo, onde, como os nossos leitores, sabem se empregavam muitos revolucionarios civis, é natural que, por partes destes elementos, se dê uma reacção contra o governo fazendo o cahif.

Se este caso se dê o sr Afonso Costa, tentará organizar um partido conservador (!!!) e se o não conseguir, depois da guerra, retirar-se-ha da politica.

Garantimos a veracidade d'esta informação.

"Nação Portuguesa"

Depois de ter estado a guns mezes suspenso vai reaparecer a "Nação Portuguesa" órgão do movimento Integralista.

Assumiu a sua Direcção o sr. Dr. Antonio Sardinha, tendo como secretario o nosso amigo e colaborador Armando da Silva.

A *Nação Portuguesa* passará a sair mensalmente com toda a regularidade.

Recebem-se desde já pedidos de assinatura na casa editora Almeida, Miranda & Sousa, rua dos Poiais de S. Bento, 133.

Entre outros estudos, a *Nação Portuguesa* publicará os seguintes: — do dr. Ferreira Deusdado, *O espirito medieval e o espirito humanista*; *Dois estadistas do alvor do liberalismo: Conde da Barca e Mousinho da Silveira*; de José Adriano, Pequito Rebelo, um analyse ao livro de Bouglé, *La Democratie devant la science*; de Hipolito Raposo, um notavel trabalho sobre *Descentralização artistica*; de Rodrigo de Queiroz, *O manifesto do Imperador*; de José Monteiro, *A viagem da Senhora D. Maria II ao Alentejo*; de Vieira de Almeida, um interessante ensaio filosofico, *A aspiração do momento*; de Rolão Preto, *A «internacional» e o «nacionalismo»*; de Luiz Chaves, *Os alicerces da raça. I. A Lusitania pre-romana*; e de Antonio Sardinha, *A politica de D. João IV, O problema da Renascença e O sul contra o norte (uma falsa teoria historica)*.

Colaborarão mais na nossa revista, além do dr. Ruy Ennes Ulrich, os nossos amigos Luiz de Almeida Braga, Garcia Pulido, conde de Monsaraz, João do Amaral, Carlos Lobo de Oliveira Armando da Silva, Capitão X. Correia da Costa, Alfredo de Freitas Branco, Vieira de Castro, dr. Julio de Melo e Matos, Fernando Caetano Pereira, Joam Cabral do Nascimento, etc., etc.

Com tais elementos, a segunda serie da *Nação Portuguesa* não desmentirá as tradições de que tão bela publicação já vem aureolada.

Circulo de estudos «Portugalia»

Sob esta designação constituiu-se um programa de estudos nacionais, para serem discutidos e examinados por alguns escolares integristas.

Os resultados desses trabalhos de investigação historica e de exposição doutrinaria serão depois tornados publicos em volume.

Entre outros pontos, ha já escolhidos os seguintes:

O problema da soberania. A descentralização administrativa. A organização profissional.

A crise do ensino universitario. O signficado economico do liberalismo.

O absentismo e as populações rurais. Da influencia do folclore na literatura.

As ordens religiosas e sua ação civilisadora. A mentalidade da geração nova.

A democracia perante a ciencia. A fun-

ção social da intelligencia, e, finalmente, *O regionalismo na arte e na politica.*

Os nossos amigos das diversas escolas acolheram com entusiasmo esta ideia e a nós não nos resta senão saudar essa esplendida iniciativa, a que preside a dedicação e o entusiasmo de Antonio Sardinha, seguros como estamos de que vai ser mais um triunfo para a causa integralista.

Em vista duma obra educadora de tão largo alcance nacional, constitucionaes e republicanos hão-de acabar por ceder diante de quem proclama com tanta galhardia os direitos soberanos da Intelligencia.

Vida agricola

No proximo numero publicaremos uma entrevista, que o sr. José Mota Carvalho, teve a amabilidade de conceder-nos, sobre o ano agricola.

Conde de Monsaraz

Deve de partir hoje para o estrangeiro, em viagem de recreio, o sr. Conde de Monsaraz illustre director do nosso colega a "Monarquia".

Ao sr. Conde de Monsaraz desejamos uma feliz viagem e um breve regresso ao nosso meio, onde a sua falta tanto se faz sentir.

Pa. dre Evaristo do Rozario Guerreiro

De modo algum, neste momento poderiamos deixar de saudar este nosso querido amigo.

Prometemos, aos nosso leitores, dar-lhes dentro em breve, o prazer de admirar a sua prosa bem trabalhosa.

Jyronimo Moreira

Sò ha poucos dias soubemos a triste noticia do falecimento, no Porto, deste nosso saudoso amigo.

A seu pai, o Dr. Jyronimo Moreira, e a seu irmão Cristiano Moreira, e assim como a toda a familia enlutada, enviamos a expressão sincera do nosso pesar.

Aos nossos leitores

As grandes dificuldades com que lutamos na montagem dos serviços do nosso jornal, é causa, certamente de grandes faltas que a precipitação, com que é redigido e composto não permite impedir.

Prometemos remedia-las com a urgencia possivel empenhando, para isso, os nossos esforços para que "A Tradição" possa satisfazer aos desejos e excitações que nos tem manifestado.

Para que no mais auto espaço de tempo "A Tradição" se possa apresentar com os indispensaveis melhoramentos, rogamos ao nossos dignos assinantes a fineza de nos enviarem as importancias das suas assinaturas afim de nos evitarem as despezas de cobrança.

As pessoas que não nos queiram honrar com a sua assinatura pedimos o favor de nos devolverem, no prazo de oito dias, o presente numero.

Caso não nos devolvam o jornal no prazo indicado consideral-os-hemos como assinantes e enviaremos os recibos para a cobrança, visto o pagamento ser adeantado.

O nosso presado colega «Progresso da Feira» noticia, nos amaveis termos que transcrevemos, a publicação da nossa revista, o que profundamente agradecemos.

«A Tradição»

Vae publicar-se brevemente uma nova revista, literaria e politica, intitulada «A Tradição». Nela colaboram as primeiras penas portuguezas, entre outros os Ex.^{mos} srs. Conde de Monsaraz, dr. Antonio Sardinha, Conde de Nova-Oña, Cabral do Nascimento, Armando da Silva, e João do Amaral, etc.

«A Tradição» é dirigida pelo sr. José Cordeiro Ribeiro. E' seu redactor principal o nosso brilhante colaborador, sr. Alfredo de Freitas Branco, um novo, cheio de vida, e já um escritor de grande merecimento.

Colaborador illustre do nosso presado colega a «Monarchia», órgão do Integralismo Lusitano, Freitas Branco, revelou-se já um notavel prosador da sua novela *Anna Clara*, e ultimamente, nas paginas impressionistas dos «Charcos».

Seja, pois, bemvinda «A Tradição» a quem agouramos um futuro de imensas prosperidades e de formosos triunfos.

oooooooooooo

Sociedade Nacional de Belas Artes

14.ª exposição

No palacete da Sociedade Nacional das Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, inaugurou-se no dia um do corrente, a 14.ª exposição de pintura e escultura.

E' superior á dos outros anos tanto em numero como em qualidade; notamos com prazer que n'ella expõem muitos novos de valor.

Neste periodo de desordens e de desprezo pela arte, é preciso encorajarmos os novos na sua missão, é esse o nosso dever e sabe-lo-hemos cumprir.

No proximo numero consagramos ao novos a nossa secção de arte.

Nesta exposição expozeram quasi todos os nossos mestres e todos os novos.

A voz longinqua da Raça

Na merovingea, flacida indolencia

Em que o meu corpo lentamente afundo,

Revolta-se, hora a hora, a consciencia

E lembra a raça de que sou oriundo!

Povo cheio de orgulho e inclemencia,

A sua fé maravilhou o mundo;

E em todo o tempo a sua violencia

Deixou um traço energico e profundo!

No meu soluço de Pierrot cadente,

Eu ouço ainda iniludivelmente

Um retenir de espadas e framéas...

Mas o meu sangue antigo e lusitano,

Civilizado mais em cada ano,

Canta longinquas, rudes melopéas...

Joam Cabral do Nascimento.

(Do livro «Triunfo» a sair)

O ESFORÇO INTEGRALISTA

Desde a *celebre conferencia* da Liga Naval, onde o cidadão Cunha e Costa tentou uma vez mais desenvolver e incutir no animo de uma assistencia monarchica principios e normas bebidos nas correntes emanadas da revoluçao franceza, o *Integralismo* tem estado em voga. Até então era um grupo de intellectuaes, de *lunaticos*.

Os concelheiros olhavam-nos com uma certa complacencia verdadeiramente conselheiral, ouviam-nos e por vezes teciam-lhes elogios. As senhoras nutriam por elles uma *viva simpatia*, uma vaga admiração pelo seu talento. Nada mais. A *scena* da Liga foi o primeiro despertar na realidade. O cidadão Cunha e Costa, soi-disant monarchico, concluiu que de futuro tinha de medir as palavras, e pesar as consequencias; os concelheiros compenetraram-se de que os *lunaticos* estavam na terra e bem dispostos a combater, a evitar os desvarios, as tendencias do seu espirito mal formado sobre principios erroneos, venenosos e preversos — os *principios liberaes*; finalmente as senhoras viram esses *elegantes intellectuaes* de monoculo despirem por um momento a sua palaciana «alure» para demonstrarem a qualquer celerado que *sabem o que querem e porque querem*.

Aqui começa a incidir o es-

forço integralista directamente na acção. Todos os elementos se coligam para o combate. Os concelheiros *acaciamente* protestam contra a attitude intransigente e o *cidadão* em palavras doces procura chamar em seu auxilio as senhoras — essas mesmas de quem um dia no «Mundo» elle disse *usarem navalhas na liga* — porque a mulher é um dos melhores elementos de propaganda.

Ellas, as mães, as noivas, as esposas, sabem incutir com a fragilidade passiva da sua alma e a astucia do sexo, os seus pensamentos, o seu sentir, os seus desejos no espirito forte, possante dos filhos, dos noivos ou dos maridos. E de subito assim o Integralismo topou por cada canto com adversarios inesperados.

Apareceu «A Monarquia», com os maus desejos e grandes inquietações liberaes, depois de empregados em vão todos os meios para sustentar a sua saida!

As adesões de quantos veem e pensam, de quantos se guiam pela realidade e não pelo romantismo das ideologias, adviram de todos os pontos do Paiz e sempre de vencida, o *peblicano*, traz constantemente novos Cruzados para o bom combate «pola lei e pola grei.»

A fantasia dos *lunaticos* desvaneceu-se e o Integralismo, engrossando as suas fileiras, combatendo em campo aberto, não recua, não cessa um instante a sua acção, e o seu esforço, louvado Deus, ainda ha-

de encontrar num futuro — que Deus traga breve — a recompensa.

Nesse dia, quando a bandeira das quinas volva a tremular neste ceu diafano, renascida a *monarquia organica, tradicionalista e anti-parlamentar*, nesse dia então talvez alguém faça juz á intransigencia e ao esforço Integralista.

ALFREDO DE FREITAS BRANCO.

Blagues

Um orgão da imprensa republicana estabelecida ha dias a seguinte proporção copiada do «Primeiro de Janeiro» do Porto «o futurismo está para a arte assim como o Integralismo está para a politica; tudo *blagues*».

Que o futurismo seja uma *blague* vá, mas o Integralismo! Uma *blague* cae ao primeiro esforço, á primeira tentativa para o demonstrar.

Nesse caso como se explica o silencio covarde, o verdadeiro medo do fiasco, perante o rapto que quotidianamente «A Monarquia» e os orgãos da imprensa Integralista apresentam nas suas colunas?

E o colega repblicano não nos dirá como classifica as promessas republicanas nos comicios do tempo *ominoso* da Monarquia onde os atuais governantes prometiam paz, riqueza, o engrandecimento e respeito nacional e a par de tudo isto o *bacalhau a pataco*, o *pão á mintem o kilo* etc.?

Desde que chama aos fins Integralistas, assentes na tradiçao e em bases herculeas (tanto assim que não ousam combater-as frente a frente, com lealdade), mas digo desde que lhes chama «uma *blague*» então como classifica as promessas dos seus idolos, dos apostolos republicanos feitas tão solenemente a este pobre e ingenuo Povo?

França, a Impia

(Notas de Viagem)

Paris
Caro amigo

Nas vésperas da minha partida de Lisboa dizias-me tu que estudasse bem a enorme serie de transformações por que a França tinha passado desde 1914.

Efetivamente eu já tinha notado que a impiedade francesa era ali triunfalmente apontada pelos rarios democraticas e livre-pensadqres que em Portugal vegetam.

Muitas pessoas acreditaram por completo nas palavras dessa gente.

Grande erro!
E' preciso estar no coração da França para poder apreciar bem a diferença entre o Paris d'hoje e o Paris frívolo e inconsciente de há anos!

Basta entrar em Notre-Dame e ver a enorme concorrencia de pessoas de todas as camadas sociaes, desde as do nobre Fambourg Saint-Germain ás de Montmartre.

Nas missas que todos os dias se celebram pela victoria dos Exercitos-Aliados egualmente se encontram inumeras pessoas entre as quaes abundam os militares, officiaes e soldados.

A propósito de militares devo dizer-te que aqui, na França da «Liberté, Egalité, Fraternité», não ha um ministro da guerra que mande averiguar os nomes dos officiaes que vão ás missas ou que tomam parte nas ceremonias religiosas em Saint-Cyr.

Que terrivel lição á guerra nos tem dado!

Mais uma vés se applica a celebre frase: «Chasser le naturel, il revient au galop».

Breve te mandarei impressões do front para onde partó amanhã.

Teu amigo

Pedro

“Por Santiago e Rei Afonso!”,

Estamos em pleno século XII.

D. Afonso Henriques tem um pagem de 19 anos. Chama-se D. Mendo Paes e é filho dum cavaleiro do mesmo nome. Não teve a sorte de conhecer seu paê que morreu durante a sua infancia e hoje vive com a sua mãe, D. Gonbrade Paes, de quem é o unico amor e consôlo.

D. Mendo é loiro como um anjo, extasia-se a ouvir narrativas guerreiras, tão abundantes e extraordinarias nos frequentes passados de então. Como todos os pagens da época, e sobretudo como pagem portuguez, tem a sua dama que ele adora loucamente na pureza da sua innocencia, na cegueira ideal dos seus verdes anos. Chama-se Violante aquella que com amor paga a paixão de Mendo.

Por entre o continuo sonhar em que passa os dias, por entre as inconcancias duma vida quasi errante que é obrigado a levar na companhia do Rei, ha um sonho unico que nunca se apaga da mente do loiro pagem quer ganhar a espada de cavaleiro para poder desposar a sua amada. E cada vez que dela se despede ao deixar Guimaraes, repete com fé e ardor: um dia hei de voltar coberto de honra e gloria para contigo compartilhar o meu nome e o meu destino!

E voltou um dia para cumprir a promessa feita.

O Rei D. Afonso encontrava-se em Coimbra em Março de 1147. Alguns dos seus mais arrojados homens d'armas acompanham o Soberano.

As incursões dos cristãos levavam-nos nesta época ás visinhanças do Algarve mas na rectaguarda ficavam ainda alguns fortes redutos cuja posse os mulsumanos continuavam a manter. Santarem era um desses fortes redutos.

Situada nas margens do Tejo, a vila compunha-se de duas partes: o caste-

lo debruçado no cimo da encosta e o arrabalde de Sesserigo que hoje é chamado a Ribeira. Em caso de perigo os habitantes deixavam o vale e refugiavam-se no castelo prontos para a sua defesa. A fertilidade das campinas de Santarem era conhecida em toda a Peninsula e afirmava-se correntemente que as cearas d'ali estavam maduras quatro mezes depois de semeadas.

Sem tornar publico o seu plano, Afonso I resolvera intentar a conquista de Santarem e, receando atacar o Castelo lealmente, inventou um estratagemma de guerra que lhe permitisse colher de surpresa os soldados infieis.

Antes de partir de Coimbra comunicou a D. Teutonio, prior de Santa Cruz, e a Mem Ramires que se comprometeu a ser o primeiro no assalto e a erguer o pendão real nas muralhas scalabitanenses.

Soube o pagem do Rei o que se preparava realizar e pediu ao monarca, que conhecia os seus amores, que lhe porporcionasse a occasião de ganhar a espada de cavaleiro.

Sorriu o fero batalhador de Ourique e afogando-lhe os longos e aureos cabelos disse.

— Pois bem, Mendo, tem fé em Deus e que te não esmoreça o ânimo. Vaes acompanhar-me nesta jornada e, se cumprires o teu dever, eu mesmo te armarei cavaleiro á porta da mesquita árabe de Santarem.

A partida de Coimbra foi a 9 de Março e a 14 encontravam-se os portuguezes em Pernes aguardando a noite para se aproximarem da vila. Escondeu-se o sol, caíram as trevas e silenciosamente começou a mover-se a falange cristã. Para escalar as muralhas contava o Rei com 12 escadas guarnecidas com 10 homens cada uma. Eram 120 destemidos que iam arriscar-se ao peor da tarefa.

D. Mendo fazia parte do grupo de Mem Ramires, o guia da expedição e levava consigo o estandarte de Ourique. Tinha sido escolhido previamente um lanço de muralha para o ataque e estava guarnecido por duas sentinellas. Foi preciso esperar e logo que elles

adormeceram, começou o assalto. Mem Ramires subiu ao telhado da casa dum oleiro que se encostava ao Castelo e procurou prender uma escada ás ameias mas esta caiu com grande ruido. Sem hesitar olhou em volta e, vendo D. Mendo a seu lado, baixou-se e ergueu-o nos hombros para o ajudar a subir o muro. Em seguida ergueu a escada que D. Mendo prendeu em cima. Em alguns segundos Mem Ramires chegou ao topo da escada e desfiladado o estandarte bradou «Santiago e Rei Afonso!»

A esse tempo já D. Mendo tinha arremetido com as duas sentinelas estremunhadas e aterrorisadas com o subito aparecimento dos cristãos; um dos «perros infieis» baqueára banhado no próprio sangue e o outro tinha ferido D. Mendo no braço esquerdo. Mas apanhado entre dois ferros, porque mais soldados tinham subido ás muralhas, desequilibrou-se na peleja e caiu do muro abaixo.

Os feitos que se fizeram não sou eu capaz de os descrever, mas na manhã seguinte, 15 de Março de 1147, Santarem era cristã e tinha arvorado nas suas muralhas o pendão portuguez.

E, quando o sol veio sorrindo a iluminar o local da carnificina, assistiu radiante ao espectáculo guerreiro e piedoso de um Rei indomavel armar cavaleiro um joven cristão que ainda na vespera era seu pagem.

Campos Figueira

O Sr. Costa Gran-Cruz de Carlos III

O grande democrata, o inimigo das grandes e dos reis, lá pediu ao rei de Espanha uma dessas fitas que ele tanto pretendeu mostrar que despresava enquanto nenhuma probabilidade tinha de se abotoar com alguma. Pediu Carlos III, pediu aquella Ordem que foi instituida para comemorar o nascimento de um rei, uma Ordem que por consciencia o obriga a praticas religiosas, uma Ordem que o

obriga a defender o dogma da Imaculada. Tudo isto nos admira. No entanto ontro facto registamos que mais nos espanta ainda O Sr. Costa foi a França onde a esta hora os nossos soldados se estão batendo pela causa dos aliados, derramando o seu sangue generoso,

Já fora tambem a Inglaterra por cuja causa nós estamos nesta guerra á custa dos sacrificios e das mais duras privações. Tanto em Paris como em Londres o Sr. Costa foi tratado de forma tal que os nossos jornaes mal tiveram que se referir á sua passagem por essas capitães.

Não nos consta que lá lhe dessem a Legião d'Honra ou a Ordem do Banho ou mesmo a Cruz de Victoria, não lhe deram Leopoldo da Belgica ou a Coroa da Italia, não lhe deram a Ordem da Aguiã Branca, S. Stanislaw, S. Jorge ou S. André da Russia, não lhe deram a Ordem de St.ª Save ou a de Tokovo da Servia, não lhe deram a Coroa ou a Estrela da Romania, não lhe deram Danito I do Montenegro, não lhe deram o Sol Nascen-te ou o Tesouro Sagrado do Japão ou mesmo o Dragão da China. Não lhe deram nada esses paizes aliados pela causa dos quais ele nos arrastou a esta guerra sangrenta.

E foi na Espanha, na nossa visinha que, decerto não nos é hostil, mas com a qual não andamos abraçados, que o nosso gros-bonnet foi mimoseado com Carlos III.

Estranho.

Veremos agora o insigne democrata, nos dias de grande gala, nas visitas ao paço presidencial, na abertura do parlamento, nas sessões sollemnes do Registo Civil e nas do Livre Pensamento, envergar a sua farda de Gran-cruz e aparecer magestoso de chapéu armado e de espadim e cinto.

Sr. Comendador...



...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

...a respeito de...
...a respeito de...
...a respeito de...

A TRADIÇÃO

PAYSAGEM DE ORCHIDEAS

por ALFREDO PIMENTA

UM BILDO VOLUME 220

LIVRARIA EDITORA

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

Casa VENTURA ABRANTES

Rua do Alentejo, 80 e 82, LISBOA



PAYSAGEM DE ORCHIDEAS

por ALFREDO PIMENTA

UM BELO VOLUME \$50

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

LIVRARIA EDITORA

Casa VENTURA ABRANTES

Rua do Alecrim, 80 e 82, LISBOA

